Fábrica de Noobs

Desmistificando: diamante *Hope*

Natanael Antonioli

Julho de 2026

1. SUMÁRIO

2. Com o que estamos lidando? 3

3. Quando e onde o diamante foi produzido? 4

4. Como o diamante passou pelas mãos da monarquia francesa? 7

5. Qual o destino do diamante após ser roubado? 10

6. Como o diamante chegou na posse da família Hope? 11

7. Como o diamante chegou aos Estados Unidos? 13

8. Afinal, o diamante trás uma maldição que afeta seus proprietários? 19

9. O que dizer das demais vítimas da maldição? 21

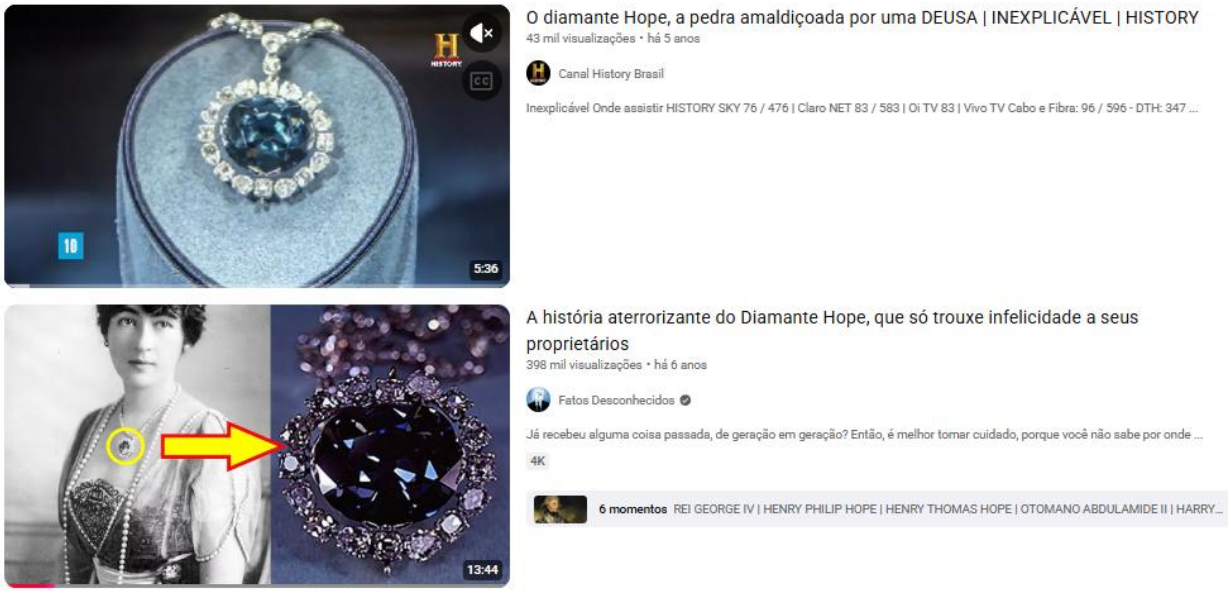
10. Conclusões 24

2. COM O QUE ESTAMOS LIDANDO?

O diamante *Hope* é uma joia extraída na Índia, supostamente no ano de 1666 e retirada do olho de uma estátua de uma divindade hindu, dita capaz de lançar na maldição todos os seus proprietários, levando-os ao suicídio, à falência ou, até mesmo, à guilhotina, uma vez que passou pela corte de Luís XVI.

A reprodução da história fica por conta dos portais *History Brasil* e *Fatos Desconhecidos* (https://www.youtube.com/results?search_query=diamante+hope).

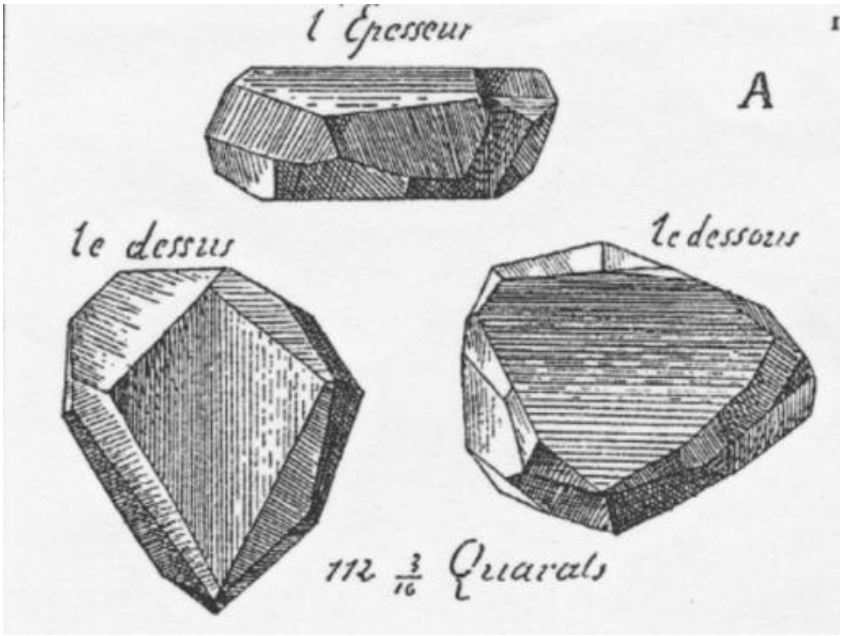
Figura 1: reprodução da história.


5:36
O diamante Hope, a pedra amaldiçoada por uma DEUSA | INEXPLICÁVEL | HISTORY
43 mil visualizações • há 5 anos
Canal History Brasil
Inexplicável Onde assistir HISTORY SKY 76 / 476 | Claro NET 83 / 583 | Oi TV 83 | Vivo TV Cabo e Fibra: 96 / 596 - DTH: 347 ...
13:44
A história aterrorizante do Diamante Hope, que só trouxe infelicidade a seus proprietários
398 mil visualizações • há 6 anos
Fatos Desconhecidos
Já recebeu alguma coisa passada, de geração em geração? Então, é melhor tomar cuidado, porque você não sabe por onde ...
4K
6 momentos REI GEORGE IV | HENRY PHILIP HOPE | HENRY THOMAS HOPE | OTOMANO ABDULAMIDE II | HARRY...

3. QUANDO E ONDE O DIAMANTE FOI PRODUZIDO?

Sua história após a extração começa no século XVII, quando seu diamante precursor, denominado *Bleu de la Couronne*, foi comprado por Jean-Baptiste Tavernier, um comerciante de joias que regularmente viajava para a Índia. Suas anotações revelam que, na época, **a peça ainda era majoritariamente crua** e **pesava cerca de 23 gramas**.

Figura 2: *Bleu de la Couronne*,

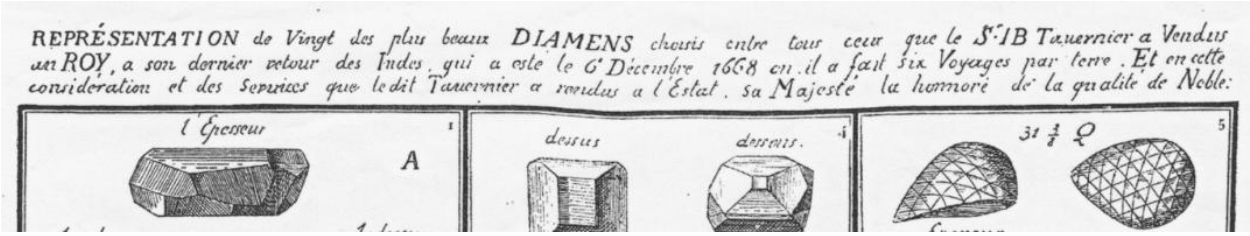


O *Bleu de la Couronne*, como todo diamante natural, se formou nas profundezas da Terra e era feito majoritariamente de átomos de carbono, alinhados em um cristal e, neste caso, com contaminações de boro. Sabemos que Tavernier comprava diamantes tanto no mercado local quanto **imediatamente após serem extraídos da Mina Kollur**, situada no leste do continente. O fato deste diamante ser pouco lapidado indica que ele **provavelmente foi comprado direto da mina**.

Há discrepâncias na literatura sobre o ano em que o diamante foi comprado. Sabemos que Tavernier já possuía o diamante em 1668, afinal, essa data aparece no cabeçalho da ilustração acima, que traz os diamantes vendidos por ele para a corte francesa. Nesse caso,

dado que a última viagem de Tavernier para a Índia ocorreu entre 1664 e 1668, aceita-se que **a compra deve ter ocorrido durante a viagem**, ainda que **o ano não seja conhecido**.

Figura 3: data de 1668.


REPRÉSENTATION de Vingt des plus beaux DIAMENS choisis entre tous ceux que le S.r IB Tauernier a Vendus
ROY, a son dernier retour des Indes, qui a este le 6.e Décembre 1668 en il a fait six Voyages par terre. Et en cette
consideration et des Services que ledit Tauernier a rendus a l'Estat, sa Majesté la honnoré de la qualité de Noble:
l'Epesseur
A
dessus
dessous.
31 3/4

Nesses casos, é de praxe que, em um catálogo histórico, o ano seja o meio do período conhecido – ou seja, 1666. Esse **é um ano bastante sugestivo para um diamante amaldiçoado**, mas, se tudo o que sabemos é que a compra ocorreu durante a viagem, então ela **pode ter ocorrido, também, em 1664, 1665, 1667 ou 1668**

Porém, Richard Kurin, em seu livro *Hope Diamond: the Legendary Story of a Cursed Gem*, argumenta que um diário de Tavernier menciona "*C'est un autre diamant que j'achetais l'an 1653 à la mine de Coulour*" e, como o *Bleu de la Couronne* foi o único diamante de Kolur vendido por Tavernier, **então a compra ocorreu em 1653**, em uma viagem anterior para a Índia.

Foi somente no século XIX e XX que uma variação desta história surgiu, segundo a qual o diamante **havia sido roubado do olho de uma estátua de uma divindade hindu**. Essa não é o tipo de descoberta que pode ser feita de maneira forense séculos após o evento, o que significa que, caso ela tenha ocorrido, **uma fonte da época deveria conta-la**.

Porém, isso **não é sustentado por documentos da época**, já que Tavernier parece ter sempre sido respeitado por autoridades hindus e persas. A origem para a lenda parece ser um trecho escrito pelo próprio Tavernier, que relata como joalheiros não poderiam adentrar um tempo porque, anteriormente, um joalheiro havia roubado um diamante do olho de uma estátua e, como punição divina, morreu ao sair do templo.

> *"It should be remarked that jewelers who come like others, are not now permitted to enter the pagoda, since one of them, intending to steal it, who allowed himself to be shut up during the night, extracted a diamond from one of the eyes of the idol. As he was about to leave in the morning, when the pagoda*

> *was opened, this thief, they say, died at the door, and the idol performed this miracle as a punishment for sacrilege."*

Tavernier, inclusive, **jamais menciona ter sido afetado negativamente pelo diamante**. Ao contrário, uma de suas passagens menciona que ele jamais havia sido incomodado sequer por uma dor de cabeça, algo que acredita ser consequência de como cuidava da sua saúde e não remoía os azares de sua vida.

> *I have taken such good care of myself that I have never been inconvenienced by the least headache, or by a bloody flux, which is the ailment that carries away many people. That which in my opinion has contributed most to my health is, that I do not think I have ever grieved on account of any misfortune which has happened to me.*

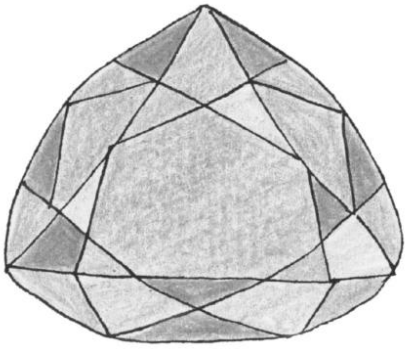
Sendo protestante, Tavernier deixou a França após o país ser proclamado oficialmente católico por Luís XIV. Sabe-se que Tavernier **morreu em Moscou, aos 84 anos**, uma idade muito acima da expectativa de vida para a época. Um episódio da série *In Search Of...* sugere que Tavernier morreu ao ser atacado por cães, mas seu cadáver **não permite constatar a causa da morte** e isso, por consequência, **elimina causas traumáticas, como essa**.

4. COMO O DIAMANTE PASSOU PELAS MÃOS DA MONARQUIA FRANCESA?

O *Bleu de la Couronne*, juntamente com outros diamantes, foi vendido para Luís XIV, rei da França, em 1669, **por uma soma considerável de ouro** e, segundo a hipótese defendida por Richard W. Wise no livro *The French Blue*, **também por uma patente de nobreza** – é sabido que Tavernier frequentemente vendia patentes de nobreza por dinheiro.

Luís XIV comissionou o joalheiro Jean Pitau para **cortar o diamante ao longo de dois anos**, resultando em uma joia que **agora pesava cerca de 13 gramas**. Até o momento, nenhuma joia satélite, produzida com as sobras do trabalho de Pitau, é conhecida.

Figura 4: diamante após ser trabalhado do Pitau.



Luís XIV gostava de diamantes, os usava em múltiplos de seus adereços e os presentava para aliados, amigos e, até mesmo, amantes. Ainda assim, até onde sabemos, o *Bleu de la Couronne* **foi usado apenas pelo rei em algumas ocasiões**, que morreu em 1715 aos 77 anos, em decorrência de um choque séptico causado por complicações de uma perna gangrenada.

Por ocasião de sua morte, o diamante **passou para seu neto e herdeiro**, Luís XV, então com cinco anos. Em 1745, Luís XV se tornou membro da *Ordre de la Toison d'or*, uma ordem católica de cavaleiros, e contratou o joalheiro André Jacquemin para produzir um pingente, a ser usado no pescoço, com dezenas de gemas e **este diamante como uma das peças centrais**.

Figura 5: pingente produzido por Luís XV.

Luís XV morreu em 1774, de **varíola** – uma **causa bastante comum para a época** – aos 64 anos, e o diamante passou para seu neto, Luís XVI. Sabemos que Luís XVI **não tirou o diamante do pingente de seu avô** e que, ao passo que a rainha Maria Antonieta era uma apreciadora de diamantes, o *Bleu de la Couronne* **nunca fez parte de seus adereços**.

O diamante, porém, foi enviado em 1787 para Mathurin-Jacques Brisson e devolvido no mesmo ano. Brisson era um cientista, e utilizou o diamante para seus estudos em gravidade natural, o que envolvia **pesá-lo e compará-lo com outras joias**.

Após a tentativa fracassada de Luís XVI em deixar Paris durante a Revolução Francesa, o diamante, juntamente de outras joias, **foi confiscado por receio de que fosse vendido para facilitar uma nova fuga** e então enviado para o *Garde Meuble*, que funcionava como um depósito de itens de valor e museu.

Em múltiplas ocasiões, os responsáveis pela segurança da *Garde Meuble* mencionaram que havia pouco efetivo disponível, e que os guardas precisavam fazer turnos longos. Na noite de 16 de setembro de 1792, as joias, incluindo o pingente **foram roubadas e perdidas**. Luís XVI **foi executado publicamente na guilhotina em 21 de janeiro de 1793**, aos 38 anos, após ter sido deposto em dezembro do ano anterior.

5. QUAL O DESTINO DO DIAMANTE APÓS SER ROUBADO?

Alguns dos ladrões envolvidos no assalto foram capturados e parte das joias foi recuperada, já que muitos se tornaram descuidados após o roubo e contaram sobre ele para amigos e familiares, ou tentaram pagar por banquetes com itens roubados. No entanto, **o pingente nunca mais foi visto**.

Há duas hipóteses principais que buscam explicar seu destino. De acordo com uma delas, o pingente **ficou com Cadet Guillot**, que **fugiu para Londres na mesma noite**, onde o desmontou e vendeu as peças separadamente, tendo, inclusive, realizado novos cortes no diamante e dado origem ao diamante *Hope*.

Outra versão sustenta que o roubo **foi planejado pelo revolucionário Georges Danton** para obter uma propina, que **foi paga ao comandante Karl Wilhelm de Brunswick** e este, quando atacado por Napoleão em 1805, foi **forçado a realizar novos cortes para mascarar sua identidade**.

Nesse cenário, acredita-se que uma joia menor, com 2,7 gramas, **foi produzida e estava de posse de sua filha Carolina de Brunswick** – ao menos, um diamante azul com essas propriedades **é citado no inventário de Karl Friedrich, sobrinho de Carolina**, mas seu paradeiro atual **não é conhecido**.

O que sabemos, porém, é que **o último corte ocorreu neste período**, dando origem ao diamante *Hope*. Análises modernas no diamante revelam que **o corte foi feito de forma grosseira**, fragmentando parte considerável da gema, o que torna improvável que joias satélites pudessem ser produzidas (https://www.gia.edu/gems-gemology/spring-2010-sister-stones-hope-diamond-sucher).

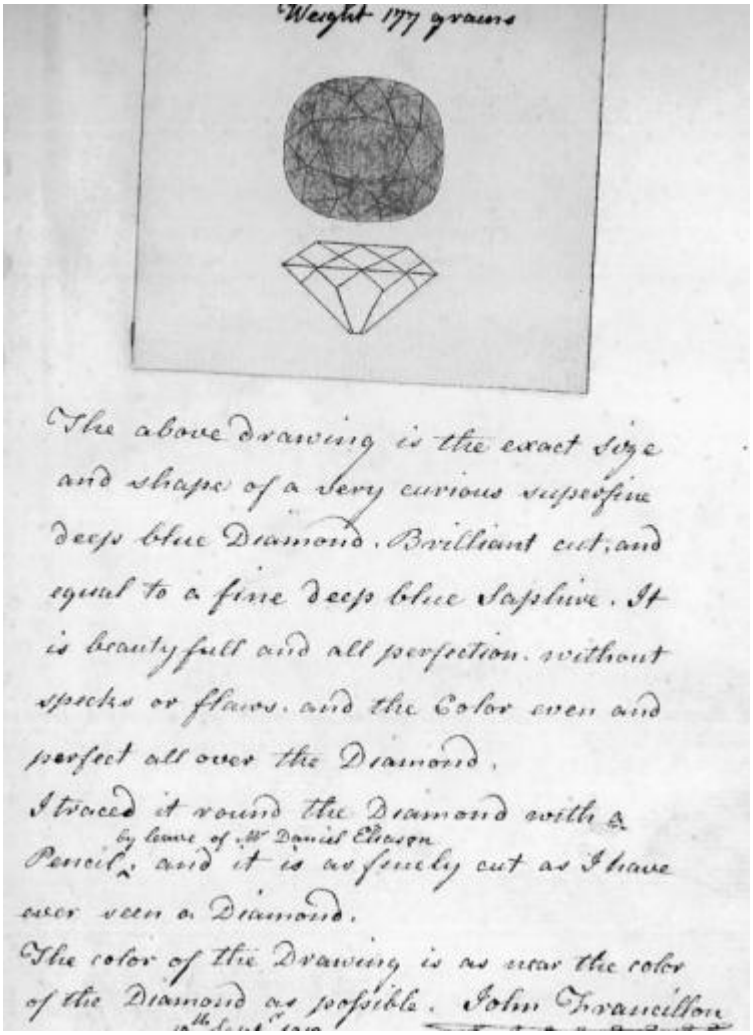
Figura 6: trecho do artigo.

Blue was cut into the French Blue, or when the latter was cut into the Hope. The results show that it was not feasible for other significant diamonds to have been created during any recutting.

6. COMO O DIAMANTE CHEGOU NA POSSE DA FAMÍLIA HOPE?

De qualquer maneira, o diamante reapareceu em um catálogo de 1812, **na posse do joalheiro Daniel Eliason, em Londres**. Curiosamente, a data deste documento é de apenas 2 dias após o aniversário de 20 anos do roubo do diamante, **exatamente quando o crime prescreveu**.

Figura 7: inventário de 1812.


Weight 177 grains
The above drawing is the exact size and shape of a very curious superfine deep blue Diamond. Brilliant cut, and equal to a fine deep blue Sapphire. It is beauty full and all perfection. without specks or flaws. and the Color even and perfect all over the Diamond.
I traced it round the Diamond with a Pencil by leave of Mr Daniel Eliason and it is as finely cut as I have ever seen a Diamond.
The color of the Drawing is as near the color of the Diamond as possible. John Francillon

Há dúvidas sobre isso, mas **acredita-se que o rei George IV adquiriu o diamante de Daniel**, que costumava misturar propriedade pessoal e tesouro da coroa, e, após uma série de dívidas, **provavelmente o vendeu**.

É em 1839 que o diamante adquire seu nome, tendo sido **adquirido pelo aristocrata Thomas Hope**, sócio do banco *Hope & Co*. Ele, no mesmo ano, **aparece no catálogo de Henry Philip Hope**, herdeiro da mesma companhia e irmão de Thomas. Enquanto esteve de sua pose, Henry frequentemente emprestava o diamante para Louisa de la Poer Beresford, viúva de seu irmão, que **o usava em bailes e eventos de gala**.

Henry morreu em 1839, mesmo ano em que o catálogo foi publicado. Seu sobrinho, Henry Thomas Hope, recebeu múltiplos itens do inventário do tio, **incluindo o diamante *Hope***.

Henry Thomas **mantinha o diamante em um cofre**, raramente levando-o para exposições. Quando ele faleceu em 1861, o diamante passou para sua esposa, Anne Adele e, na ocasião de sua morte em 1884, **para seu neto, Henry Francis Pelham-Clinton**, na condição de que Henry passasse a usar o sobrenome Hope quando adquirisse maioridade.

Henry, agora se apresentando como Francis Hope, **se casou com May Yohé**, uma cantora e atriz americana, e sabe-se que **ela usou o diamante em ao menos uma ocasião**. Francis e May mantiveram um estilo de vida acima de seus ganhos, o que correu o patrimônio do casal, lhes obrigou a declarar falência e, em 1901, Francis **vendeu o diamante para Adolph Weil**, um joalheiro de Londres, por uma quantia razoável.

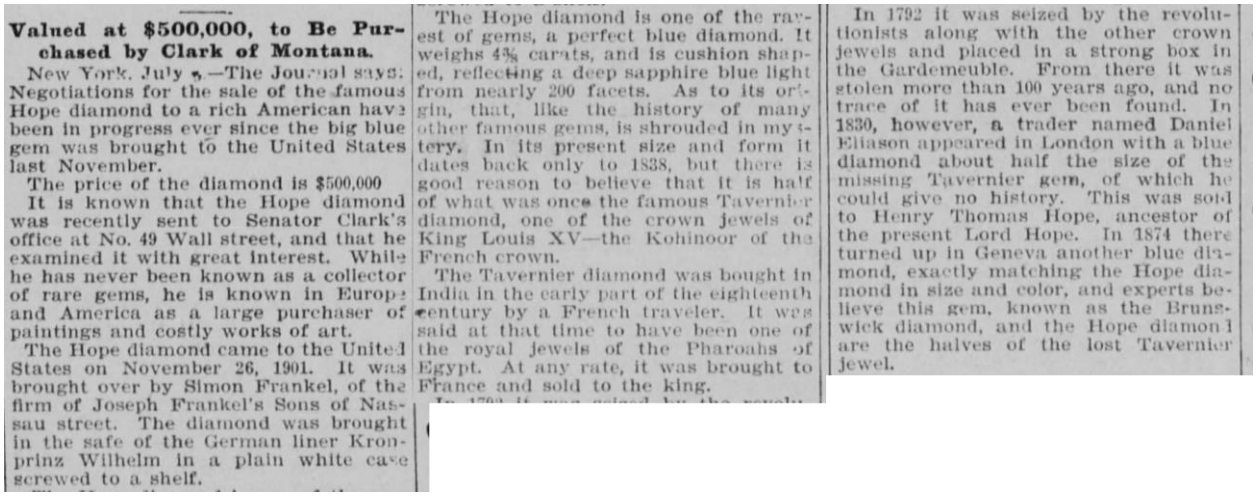
May e Francis se divorciaram em 1902 e May viria a morrer em 1938 de **uma doença renal**, ainda passando por dificuldades financeiras. Francis se casou novamente em 1904, teve três filhos, e morreu em 1941, aos 75 anos, **de causas naturais**. Assim, todos os membros da família Hope que estiveram de posse do diamante **morreram de causas naturais**, sem indícios de tragédias ou acontecimentos pouco usuais.

7. COMO O DIAMANTE CHEGOU AOS ESTADOS UNIDOS?

Adolph Weil vendeu o diamante pouco tempo depois para outro comerciante de joias, Simon Frankel, que **a trouxe para Nova York**, onde o diamante foi avaliado em 500 de dólares na cotação da época. Jornais da época (https://www.newspapers.com/article/the-wichita-beacon/202113898/) publicaram sobre a joia, mas **nenhuma maldição até então havia sido mencionada**, e seu passado na Revolução Francesa **era abordado como uma curiosidade**.

Ainda assim, a matéria citava que, antes de ir para a França, o diamante havia pertencido a um faraó do Egito, o que **não era verdadeiro**: quando o diamante foi extraído na Índia, já haviam se passado 1600 anos desde Ptolomeu XV, último faraó do Egito e filho de Cleópatra que foi executado pelas forças Romanas.

Figura 8: notícia de 1902 sobre o diamante *Hope*.



Valued at $500,000, to Be Purchased by Clark of Montana.

New York, July 5.—The Journal says: Negotiations for the sale of the famous Hope diamond to a rich American have been in progress ever since the big blue gem was brought to the United States last November.

The price of the diamond is $500,000

It is known that the Hope diamond was recently sent to Senator Clark's office at No. 49 Wall street, and that he examined it with great interest. While he has never been known as a collector of rare gems, he is known in Europe and America as a large purchaser of paintings and costly works of art.

The Hope diamond came to the United States on November 26, 1901. It was brought over by Simon Frankel, of the firm of Joseph Frankel's Sons of Nassau street. The diamond was brought in the safe of the German liner Kronprinz Wilhelm in a plain white case screwed to a shelf.

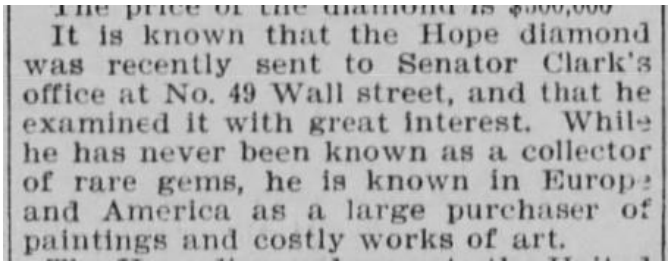
The Hope diamond is one of the rarest of gems, a perfect blue diamond. It weighs 4⅝ carats, and is cushion shaped, reflecting a deep sapphire blue light from nearly 200 facets. As to its origin, that, like the history of many other famous gems, is shrouded in mystery. In its present size and form it dates back only to 1838, but there is good reason to believe that it is half of what was once the famous Tavernier diamond, one of the crown jewels of King Louis XV—the Kohinoor of the French crown.

The Tavernier diamond was bought in India in the early part of the eighteenth century by a French traveler. It was said at that time to have been one of the royal jewels of the Pharoahs of Egypt. At any rate, it was brought to France and sold to the king.

In 1792 it was seized by the revolutionists along with the other crown jewels and placed in a strong box in the Gardemeuble. From there it was stolen more than 100 years ago, and no trace of it has ever been found. In 1830, however, a trader named Daniel Eliason appeared in London with a blue diamond about half the size of the missing Tavernier gem, of which he could give no history. This was sold to Henry Thomas Hope, ancestor of the present Lord Hope. In 1874 there turned up in Geneva another blue diamond, exactly matching the Hope diamond in size and color, and experts believe this gem, known as the Brunswick diamond, and the Hope diamond are the halves of the lost Tavernier jewel.

Havia especulação sobre qual aristocrata americano compraria o diamante, mas **nenhum deles se interessou**. Versões modernas dizem que muitos compraram e devolveram, entre eles o senador William Clark. Porém, de acordo com a matéria acima. Clark **sequer comprou o diamante**: Simon enviou a joia para Clark, que **a examinou, mas não se interessou**, afinal Clark não costumava investir sua fortuna em joias, mas sim em obras de arte.

Figura 9: trecho sobre Clark.

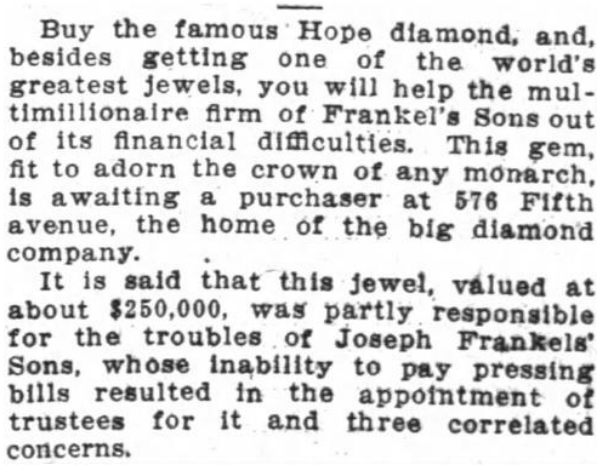


The price of the diamond is $500,000.
It is known that the Hope diamond was recently sent to Senator Clark's office at No. 49 Wall street, and that he examined it with great interest. While he has never been known as a collector of rare gems, he is known in Europe and America as a large purchaser of paintings and costly works of art.

O pânico financeiro de 1907 levou diversos bancos americanos à falência, e, neste momento, Simon acumulava uma dívida milionária que **o forçou a vender o diamante em 1908** para evitar que seu patrimônio fosse liquidado. No mesmo ano, o *Washington Post*, em uma coluna de fofocas (https://www.newspapers.com/article/the-washington-post/202115057/) **trouxe um único parágrafo que se mostrou percursor da lenda atual**.

O parágrafo, que menciona o diamante sendo vendido por 250 mil dólares (apesar de ser avaliado inicialmente em 500 mil dólares), também afirma que a joia **foi parcialmente responsável pelos problemas financeiros enfrentados por Frankel e seus filhos**. Ao passo que isso é verdade, a causa **não foi uma maldição**, mas sim **uma má decisão de negócios** que levou a família a superestimar o interesse da aristocracia americana em uma joia tão cara.

Figura 10: trecho da matéria.



Buy the famous Hope diamond, and, besides getting one of the world's greatest jewels, you will help the multimillionaire firm of Frankel's Sons out of its financial difficulties. This gem, fit to adorn the crown of any monarch, is awaiting a purchaser at 576 Fifth avenue, the home of the big diamond company.

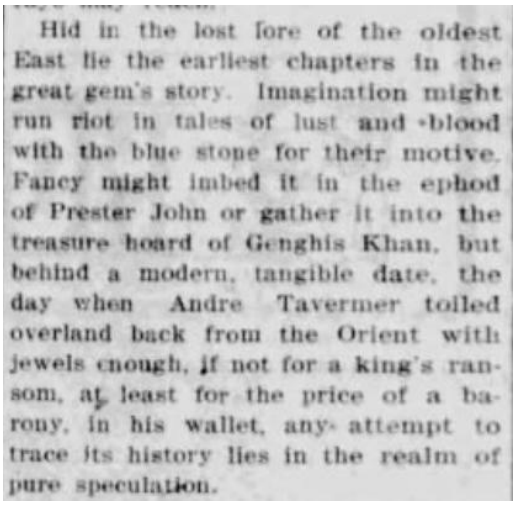
It is said that this jewel, valued at about $250,000, was partly responsible for the troubles of Joseph Frankels' Sons, whose inability to pay pressing bills resulted in the appointment of trustees for it and three correlated concerns.

No entanto, pouco tempo depois, uma nova matéria (https://www.newspapers.com/article/news-democrat/202115537/) **argumentou exatamente o oposto**, associando o diamante *Hope* **a uma maldição ancestral**.

Figura 11: título da matéria.

A matéria começa sugerindo que, antes de Tavernier, qualquer detalhe sobre a história do diamante é mera especulação, mas que **certamente envolve um passado de sangue e luxúria**, talvez como parte do espólio de Gengis Khan ou da veste de Preste João, um lendário imperador cristão. A realidade, porém, **é que Tavernier comprou o diamante após ele ser retirado da mina no século XVII**.

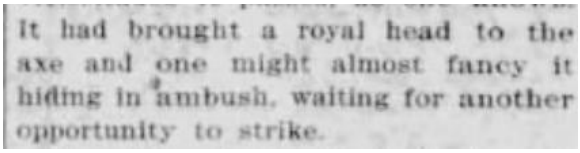
Figura 12: trecho da matéria.



Hid in the lost lore of the oldest East lie the earliest chapters in the great gem's story. Imagination might run riot in tales of lust and blood with the blue stone for their motive. Fancy might imbed it in the ephod of Prester John or gather it into the treasure hoard of Genghis Khan, but behind a modern, tangible date, the day when Andre Tavernier tolled overland back from the Orient with jewels enough, if not for a king's ransom, at least for the price of a barony, in his wallet, any attempt to trace its history lies in the realm of pure speculation.

Então, a matéria culpa o diamante por ter causado a decapitação de Luís XVI. No entanto, **nem Luís XVI, nem Maria Antonieta, usaram o dito diamante**, e os reis que de fato o usaram, Luís XIV e Luís XV, **não morreram na guilhotina**.

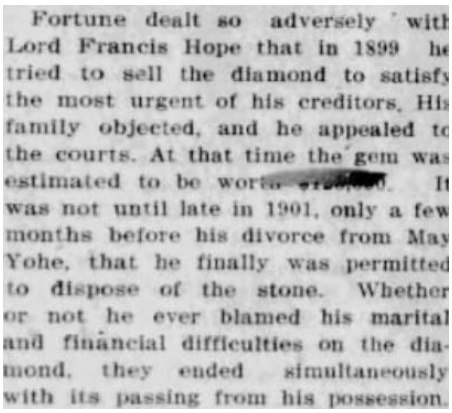
Figura 13: trecho da matéria.



it had brought a royal head to the axe and one might almost fancy it hiding in ambush, waiting for another opportunity to strike.

A próxima vítima da maldição seria Francis Hope, mas sabemos que os problemas enfrentados por ele – divórcio e dívidas – eram **problemas comuns da aristocracia da época, e são até hoje**: inúmeros milionários passam pelos mesmos problemas, ainda que nunca tenham possuído o diamante *Hope*.

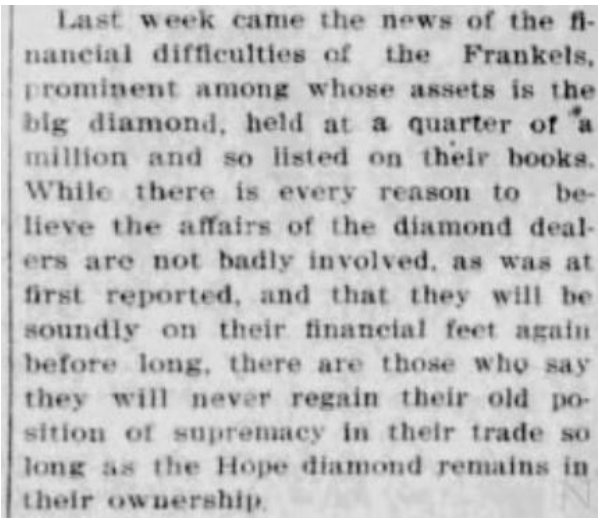
Figura 14: trecho da matéria.



Fortune dealt so adversely with Lord Francis Hope that in 1899 he tried to sell the diamond to satisfy the most urgent of his creditors. His family objected, and he appealed to the courts. At that time the gem was estimated to be worth [redacted]. It was not until late in 1901, only a few months before his divorce from May Yohe, that he finally was permitted to dispose of the stone. Whether or not he ever blamed his marital and financial difficulties on the diamond, they ended simultaneously with its passing from his possession.

A última vítima seriam os Frankel, que passavam por dificuldades financeiras. No entanto, todos **nos Estados Unidos passavam por dificuldades financeiras na época**, e, para um vendedor de itens de luxo, uma crise financeira obriga a diversificar o negócio ou para a compra de joias baratas visando revende-las no futuro (o que requer algum capital), ou para a venda de imitações, como diamantes de vidro ou pérolas falsas.

Figura 15: trecho da matéria.



Last week came the news of the financial difficulties of the Frankels, prominent among whose assets is the big diamond, held at a quarter of a million and so listed on their books. While there is every reason to believe the affairs of the diamond dealers are not badly involved, as was at first reported, and that they will be soundly on their financial feet again before long, there are those who say they will never regain their old position of supremacy in their trade so long as the Hope diamond remains in their ownership.

Simon Frankel **vendeu o diamante para Selim** (ou Salomon) **Habib**, um comerciante de joias turco que supostamente a comprava em nome de um sultão **em 1909**. Porém, em 1910, o diamante **foi vendido em um leilão** visando quitar as dívidas de Selim **para Rosenau Simon**, que, no mesmo ano, **o vendeu para o joalheiro Pierre Carter**.

Pierre Carter trouxe a joia novamente aos Estados Unidos, mas, agora, a história sobre a maldição já estava mais popular. Pierre **conseguiu vende-lo para a socialite Evalyn Walsh McLean em 1911**.

Não se sabe ao certo o que ocorreu na negociação. Algumas fontes sugerem que Pierre vendeu a joia e não contou sobre a maldição, mas **que a família de Evalyn descobriu** e pediu que ela o devolvesse, algo que Pierre recusou e **resultou em uma batalha legal** que eximiu Pierre de receber o diamante de volta. Outras fontes sugerem que **essa história foi uma fabricação de Evalyn** visando atrair atenção para o diamante e aumentar seu valor.

Evalyn e seu marido fizeram uma viagem para a Rússia durante a Revolução de Outubro em 1917, e **pretendiam exibir o diamante *Hope* nas ruas de Moscou** como símbolo da superioridade do capitalismo, mas foram convencidos a abandonar a ideia por um diplomata americano.

Em 1932, quando o filho do aviador Charles Lindbergh foi sequestrado, Gaston Means alegou que havia negociado a soltura com os sequestradores por 100 mil dólares, o que **Evalyn acreditou e lhe pagou**. Gaston fugiu com o dinheiro, mas Evalyn contatou a polícia e **auxiliou em sua captura**.

Evalyn e seu marido tiveram quatro filhos, mas **dois deles morreram de maneira trágica**. Um filho, Vinson Walsh McLean, **morreu aos 9 anos ao ser atingido por um automóvel**, ao passo que uma filha, Evalyn Washington "Evie" McLean, morreu **aos 24 anos, vítima de uma overdose de medicamentos para dormir**. Evalyn faleceu em 1947, aos 60 anos, **vítima de pneumonia**.

O diamante *Hope* passou para um fundo que seria gerido por advogados até que seu filho mais velho chegasse aos 25 anos, mas ele acabou **sendo vendido em 1949 para o joalheiro Harry Winston visando quitar as dúvidas de Evalyn**.

Harry, sabendo a lenda por trás do diamante, mas nunca acreditando nela, optou por **exibi-lo em exposições de joias e programas televisivos**, até, em 1958, ser convencido por George Switzer, um mineralogista, **a doá-lo ao *Smithsonian***.

Desde então, o diamante esteve no *National Museum of Natural History*, no *Louvre* (em 1962), no *Rand Easter Show* na África do Sul (em 1965) e, atualmente, fica em exposição na *Janet Annenberg Hooker Hall of Geology, Gems, and Minerals*, da *Smithsonian*. O diamante foi fortemente vigiado em suas viagens, **mas nunca foi roubado ou causou qualquer outro tipo de infortúnio**.

8. AFINAL, O DIAMANTE TRÁS UMA MALDIÇÃO QUE AFETA SEUS PROPRIETÁRIOS?

Agora que conhecemos a história documentada do diamante *Hope*, podemos usar a tabela abaixo para resumir o destino de seus proprietários confirmados, bem como dos que estiveram em posse da joia temporariamente para algum tipo de trabalho, e dos cuja posse é especulativa.

Tabela 1: pessoas que, em algum momento e com certa confirmação histórica, estiveram de pose do diamante *Hope* ou de suas gemas precursoras. O sobrescrito [1] indica pessoas que apenas o possuíram em caráter de empréstimo ou serviço, ao passo que o sobrescrito [2] indica incerteza de posse.

1666	1669	Jean-Baptiste Tavernier	84 anos, causas naturais.
1669	1715	Luís XIV	77 anos, choque séptico.
1669	1671	Jean Pitau[1]	Idade e causas desconhecidas.
1715	1774	Luís XV	64 anos, varíola.
1745	1745	André Jacquemin[1]	Idade e causas desconhecidas.
1774	1793	Luís XVI	38 anos, decapitado na guilhotina.
1778	1778	Mathurin-Jacques Brisson[1]	83 anos, causas naturais.
1792	1792	Cadet Guillot[2]	Idade e causas desconhecidas.
1792	1792	Georges Danton[2]	34 anos, decapitado na guilhotina.
1792	1805	Karl Wilhelm[2]	71 anos, causas naturais.
?	1806	Carolina de Brunswick[2]	53 anos, câncer ou obstrução intestinal
?	?	Karl Friedrich[2]	68 anos, causas naturais.
1812	?	Daniel Eliason	71 anos, causas desconhecidas.
?	1839	George IV[2]	67 anos, gota e edema.
1839	?	Thomas Hope	62 anos, causas naturais.
?	1839	Henry Philip Hope	65 anos, causas naturais.
?	1839	Louisa de la Poer Beresford[1]	79 anos, causas naturais.
1839	1862	Henry Thomas Hope	58 anos, causas naturais.
1862	1884	Anne Adele	Idade e causas desconhecidas.
1884	1901	Francis Hope	75 anos, causas naturais.
1894	1901	May Yohé[1]	72 anos, doença renal.

1901	1902	Adolph Weil	Idade e causas desconhecidas.
1902	1908	Simon Frankel	Idade e causas desconhecidas. Crise em vida.
1908	1909	Selim Habib	Idade e causas desconhecidas.
1909	1910	Rosenau Simon	82 anos, em um campo de concentração.
1910	1911	Pierre Carter	86 anos, causas naturais.
1911	1947	Evalyn Walsh McLean	60 anos, pneumonia. Tragédias em vida.
1949	1958	Harry Winston	82 anos, causas naturais.
1958	1958	George Switzer[1]	92 anos, causas naturais.

Descobrimos que **a esmagadora maioria morreu de causas naturais a partir dos 60 anos**, algo compatível para aristocratas nas épocas em que viveram, e bastante além da expectativa de vida da população geral. Alguns, no entanto, **não puderam ser localizados**.

Encontramos cinco pessoas (dentre 29) **cuja morte ou eventos em vida foram trágicos**, mas **quatro deles são consequências do seu tempo**. Mais especificamente, Luís XVI e Georges Danton morreram na guilhotina, mas esse **foi o destino de inúmeros aristocratas e políticos franceses** sem qualquer relação com diamante *Hope*.

A causa da morte de Simon Frankel não é conhecida, mas a crise financeira vivida por ele e seus filhos **afetou todo os Estados Unidos**, e o comércio de itens de luxo é um ramo especialmente sensível a essas crises. Já Rosenau Simon morreu em um campo de concentração, mas **esse foi o destino de inúmeros perseguidos no Holocausto**.

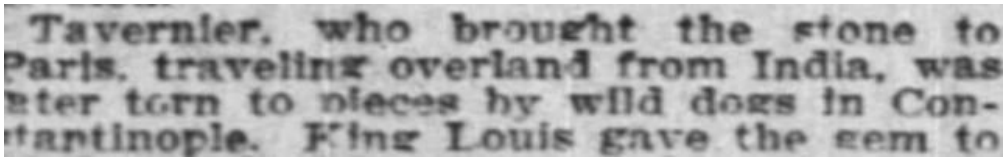
A única exceção é Evalyn Walsh, que apesar de ter uma morte natural, **perdeu dois filhos de forma trágica e inesperada**. No entanto, **não há razões para considerar uma joia amaldiçoada** se, de todos seus proprietários, **apenas um sofreu a suposta maldição**.

9. O QUE DIZER DAS DEMAIS VÍTIMAS DA MALDIÇÃO?

Parte considerável dos nomes citados como vítimas da maldição **sequer existem na história documentada do diamante**, mas foram apresentados em um artigo de 1911 publicado pelo *New York Times* (https://www.newspapers.com/article/the-new-york-times/202121425/).

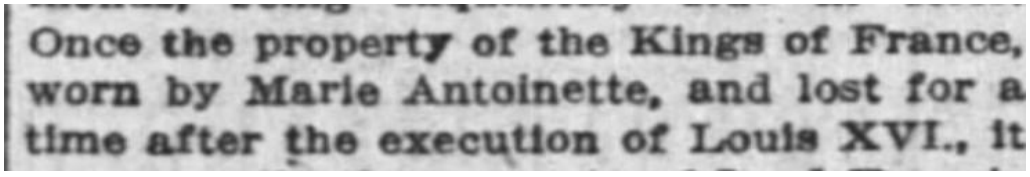
É esse artigo que trouxe os boatos sobre Tavernier, afirmando que ele morreu em Constantinopla (atual Istambul) quando foi dilacerado por cachorros – hoje sabemos que **ele morreu em Moscou e que seu corpo não traz sinais de traumas**.

Figura 16: sobre a morte de Tavernier.


Tavernier, who brought the stone to
Paris, traveling overland from India, was
later torn to pieces by wild dogs in Con-
stantinople. King Louis gave the gem to

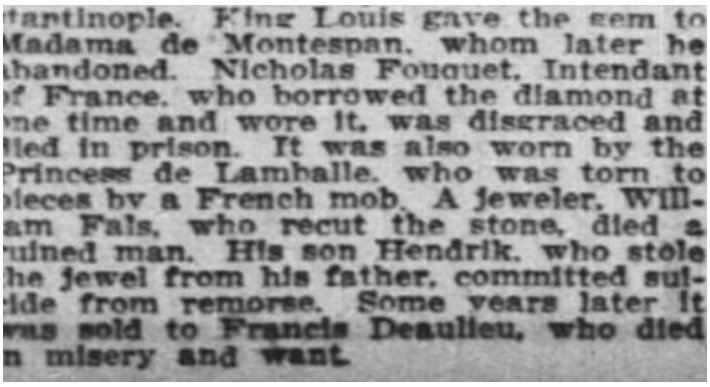
A próxima vítima citada seria Maria Antonieta que teria usado o diamante, ainda que ela **jamais o tenha incluído em sua coleção de joias**. Dentre Luís XVI e seus dois últimos antecessores, Luís XVI **foi, ironicamente, o único que não usou a joia e o único executado**.

Figura 17: menção à Maria Antonieta.


Once the property of the Kings of France,
worn by Marie Antoinette, and lost for a
time after the execution of Louis XVI., it

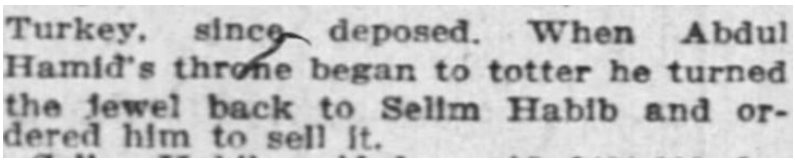
Ainda na França, o diamante teria sido dado para a amante de Luís XIV Francisca Atenas de Rochechouart (a dita madame de Montespan), mas **isso nunca ocorreu**. Ele também teria sido usado por Maria Teresa Luísa de Saboia-Carignano (a princesa de Lambaelle) mas, na época, **o diamante estava no pingente de Luís XV**. Outros citados, como William Fals e seu filho Hendrick, **não aparecem em registros históricos**.

Figura 18: trecho da matéria.


tantinople. King Louis gave the gem to Madama de Montespan, whom later he abandoned. Nicholas Fouquet, Intendant of France, who borrowed the diamond at one time and wore it, was disgraced and died in prison. It was also worn by the Princess de Lamballe, who was torn to pieces by a French mob. A jeweler, William Fals, who recut the stone, died a ruined man. His son Hendrik, who stole the jewel from his father, committed suicide from remorse. Some years later it was sold to Francis Deaulieu, who died in misery and want.

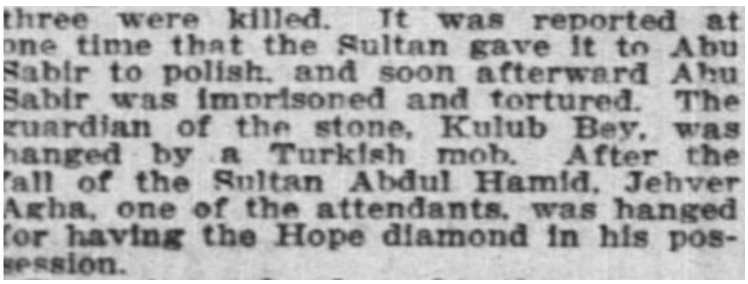
A próxima vítima, além de Francis, seria Abdul Hamid, um sultão que teria comprado a joia de Habib – ainda que **isso não pareça ter ocorrido**, já que a joia foi vendida para liquidar dívidas de Habib. Segundo a matéria, a joia teria sido vendida quando o Abdul caiu em desgraça em decorrência de sua aquisição, mas **esse processo começou em 1908**, com a Revolução dos Jovens Turcos e, portanto, **antes da possível aquisição da joia**.

Figura 19: menção ao sultão Abdul Hamid.


Turkey, since deposed. When Abdul Hamid's throne began to totter he turned the jewel back to Selim Habib and ordered him to sell it.

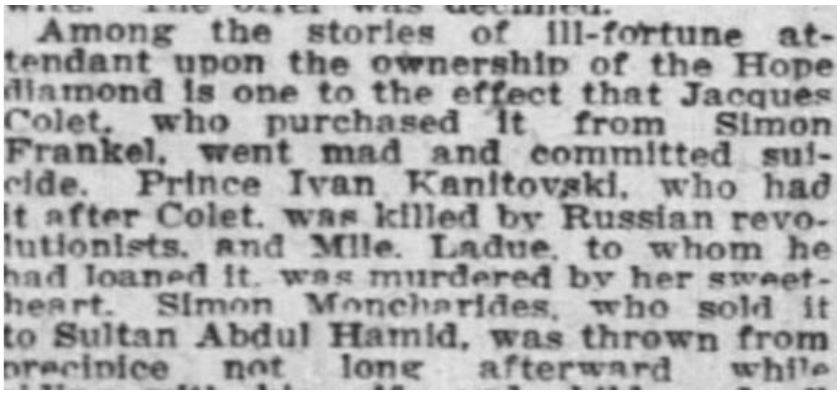
A matéria, então, traz **nomes até então desconhecidos e até hoje não confirmados associados** ao sultão, como Abu Sabir, um joalheiro que foi torturado, e Kulub Bay, um guarda que foi enforcado. Além disso, a matéria afirma que Jhever Agha, um dos servos, também foi enforcado por possuir o diamante em sua posse. A menos que os revolucionários turcos **tenham decidido entregar o diamante nas mãos do mesmo joalheiro que o comprou**, essa história **nunca ocorreu**.

Figura 20: continuação da história do sultão.


three were killed. It was reported at one time that the Sultan gave it to Abu Sabir to polish, and soon afterward Abu Sabir was imprisoned and tortured. The guardian of the stone, Kulub Bey, was hanged by a Turkish mob. After the fall of the Sultan Abdul Hamid, Jehver Agha, one of the attendants, was hanged for having the Hope diamond in his possession.

Antes disso, a matéria cita ainda outras vítimas. Aqui, o joalheiro que a vendeu ao sultão, Simon Moncherides (que, na vida real, foi Rosenau Simon) teria sido jogado de um precipício – na vida real, **ele ainda estava vivo e morreria somente décadas depois**.

Figura 21: continuação da matéria.



Among the stories of ill-fortune attendant upon the ownership of the Hope diamond is one to the effect that Jacques Colet, who purchased it from Simon Frankel, went mad and committed suicide. Prince Ivan Kanitovski, who had it after Colet, was killed by Russian revolutionists, and Mlle. Ladue, to whom he had loaned it, was murdered by her sweetheart. Simon Moncharides, who sold it to Sultan Abdul Hamid, was thrown from precipice not long afterward while

Outras vítimas seriam clientes de Frankek: Jacques Colet teria cometido suicídio, ao passo que Ladue, uma mulher que recebeu o diamante em um empréstimo, foi assassinada por seu namorado. Obituários da época **não sustentam nenhuma dessas mortes**.

Por fim, a última vítima seria o príncipe russo Ivan Kanitovski, para o qual **não temos registros de sua existência**. Ao passo que a ausência de um obituário para um cidadão comum não é comprovação de fraude, a ausência de qualquer registro de um príncipe russo **é evidência de que a história foi fabricada e o dito príncipe nunca existiu**.

No presente, alguns veículos associam o diamante *Hope* com o naufrágio do *Titanic*. A confusão provavelmente vem do filme homônimo, em que Rose recebe um colar com o diamante *Heart of the Ocean*. que havia pertencido à Luís XVI. Na história, a joia foi de fato inspirado no diamante *Hope*, da mesma forma que Rose foi inspirada na artista Beatrice Wood. Porém, na vida real, o *Hope* **jamais esteve abordo do *Titanic*,** seja com Beatrice ou com qualquer outro passageiro.

10. CONCLUSÕES

Assim, podemos concluir que a história do diamante *Hope* nos permite concluir que, de seus proprietários conhecidos, **a imensa maioria morreu de causas naturais em idade avançada**, com apenas 5 mortes trágicas, das quais **4 são vítimas de grandes eventos históricos** e **1 é, de fato, vítima de uma tragédia pessoal**.

Portanto, **não há uma maldição sobre o diamante *Hope***, e essa história **surgiu quando Frankel não conseguiu vende-lo durante a crise de 1907**, sendo **depois embelezada com nomes e eventos ficcionais**.